

O GÊNERO EM CONSTRUÇÃO NAS FORMAS BINÁRIAS: O PROBLEMA DA "AFEMINILIDADE" NO INDIVÍDUO NA CONTEMPORANEIDADE

João Victor Santos Dias¹

Resumo: No presente artigo, é analisado como o conceito de gênero surgiu ao longo do processo social-histórico-cultural, a partir de uma perspectiva binária, e sua transformação no decurso do tempo até a contemporaneidade. Portanto, gênero transcende a normativa biológica, macho e fêmea, sendo algo construído pelos agentes históricos dentro dos valores culturais e ideológicos de cada sociedade. Além disso, é discutido como as expressões/performances de gênero, consideradas “femininas”, foram subjugadas e tidas como forma de negatar, abstrair e subjugar determinados sujeitos apenas por sua conduta. Em suma, de como os comportamentos ditos feminis em mulheres e, principalmente, nos homens, hétero ou homo, são vistos como forma de subjugação e dominação pelo padrão heteronormativo. Como ferramenta para o debate, foram utilizadas a análise e conceptualização da Teoria Quer e de textos sobre os chamados historiadores (as) da sexualidade, partindo de um pensamento refletido entre Lacan e Foucault. Portanto, além do artigo trazer para o debate esse gênero como um constructo social e não como biológico, ele também propõe a superação desse conceito de forma que não seja pensado nas normas binárias e sim transcender esse aspecto para que as formas de dominação e desigualdade sexual sejam superadas.

Palavras-chaves: Gênero. Afeminilidade. Expressões. Heteronormativo.

Introdução

No presente artigo, é analisado como o conceito de gênero foi construído no decorrer do tempo, modificando-se a medida das transformações sócio-histórica-política-cultural até a contemporaneidade. Compreende-se aqui gênero como uma construção social, dentro das formas binárias e biológicas, ou seja, como gênero foi construído e adotado dentro de uma

¹ Licenciando em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – DH – Vitória da Conquista (Ba). E-mail: joao_live15@hotmail.com.br

perspectiva biológica e fazendo desse discurso uma justificativa para os padrões sócio-comportamentais, no caso heteronormativo, justificarem suas imposições como dominantes.

Além disso, essa justificativa de gênero também é aplicada para modelar a sexualidade e os comportamentos de cada sujeito. Partindo dessa perspectiva, analisaremos como essa construção ideológica contribuirá para a relação de poder na construção da sexualidade e dos trejeitos comportamentais do indivíduo, originando-se de uma análise Foucaultiana.

E, sabendo das desigualdades sexuais presentes na sociedade em questão, como os comportamentos ditos femininos estarão sendo estigmatizados, atacados e, de certa forma, sofrendo uma depreciação, já que são vistos como comportamentos que demonstra fragilidade e submissão. Sabendo disso, quando esses trejeitos são apresentados em homens, os chamados homens femininos ou “afeminados”, que independentes da sua sexualidade, vão ser intensificamente atacados e abstraídos da sociedade por não estarem de acordo com os padrões exigidos.

Logo, relacionando a construção de gênero com a sua performance, fica evidente que a expressão de gênero padrão é algo construído e imposto, e se ele não corresponde ao modelo do gênero biológico, tal comportamento deve ser moldado ou, caso o contrário, o apresentante deve ser visto como “anormal”. A expressão de gênero também vai contribuir para a hierarquização de poder na sociedade em questão. Ademais, foram utilizadas as epistemologias sexuais, a partir de uma análise oriundas nas releituras de Foucault e Lacan, em artigos-científicos sobre o tema, na conceituação da Teoria Queer, por intelectuais da década de 80, em um texto de Richard Miskolci e nas análises comportamentais apresentadas pela sociedade para modelagem de corpos e expressões. Para elucidação de forma didática, vai ser dividido em três partes: a primeira trataremos sobre o conceito de gênero e sua expressão, a segunda, sobre o estigma da feminilidade masculina imbricada no olhar contemporâneo ocidental de gênero e a terceira e última parte discutiremos de como é manifestado e adquirido a hierarquização de poder nesses parâmetros.

1. O conceito de gênero e suas expressões

A definição de gênero há muito tempo foi construída dentro de uma definição biológica sendo determinada pelo órgão sexual. Dentro das perspectivas binárias, o gênero foi definido



em algo dicotômico, sendo limitado entre masculino e feminino atribuídos, respectivamente, aos homens e às mulheres. Ou seja, o conceito de gênero foi estruturado partindo da visão anatômica e biológica.

No entanto, sabendo que ele foi construído e atribuído a partir de um contexto histórico-cultural-político-social vigente, é imprescindível que a visão dessa estruturação deve ser criticada e reformulada, já que os conceitos tendem a entrar em obsolescência quando não atendem e/ou não explicam determinados fenômenos em determinadas realidades: “A relação com o corpo (...) se constrói não somente a partir de fenômenos constitucionais inerentes ao organismo, mas das relações estabelecidas em determinadas época e sociedade.” (CORRÊA, 2013).

Para elucidarmos melhor a situação do que é atribuído a um determinado gênero, vamos analisar dois casos. O primeiro, é quando a ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos declara a seguinte frase: “menino veste azul e menina veste rosa” (G1)². O segundo, é quando um trio de crianças, o TRIO R3³, aparentemente de 8 a 13 anos e evangélicos, gravam o clipe com outras crianças para reafirmarem suas identidades e universalizar o que é “correto”, nele verificamos os meninos mostrando os braços em sinal de força e as meninas brincando de bonecas e laços, o trecho diz: “Menina feminina, menino masculino”, “nosso gênero vem de deus e não pode ser mudado” e em outro momento “me aceito como sou”.

Partindo da análise de gênero em perspectiva binária e anatômica, faz-se necessário reformular o conceito de gênero a partir das perspectivas da transformação da sociedade. Acredita-se que a construção de gênero nessa forma de concepção se deu na caracterização de determinados comportamentos para determinados sexos biológicos, por exemplo, a virilidade e a força ao homem e a fragilidade e afetividade às mulheres. No entanto, essas características não são imutáveis e não são predestinadas a tais grupos e, muito menos, devido aos seus órgãos sexuais. Na pesquisa da antropóloga Margaret Mead, publicada em forma do livro *Sexo e Temperamento*, após o estudo comportamental em três tribos, ela concluiu, ao verificar referências do sexo feminino como padrão em homens da tribo, que sexo é uma construção social, sendo um condicionamento social culturalmente determinado:

² <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/03/em-video-damares-alves-diz-que-nova-era-comecou-no-brasil-meninos-vestem-azul-e-meninas-vestem-rosa.ghtml>

³ <https://www.youtube.com/watch?v=vXo7cyfRLAc>

Se aquelas atitudes (...) que tradicionalmente reputamos femininas – (...) – podem tão facilmente erigidas como padrão masculino em uma tribo, e na outra ser prescritas para a maioria das mulheres, assim como para maioria dos homens, não nos resta mais a menor base para considerar tais aspectos de comportamento como ligados ao sexo (MEAD, 1963, p. 268).

Logo, se os comportamentos são predestinados aos padrões estabelecidos na sociedade, onde a história teve como base o patriarcado, o gênero vai se tornar “uma maneira de indicar as construções sociais” (SCOTT, 1989)⁴. No entanto, ao invés desse discurso ser transpassado na contemporaneidade, ele continua vigente utilizando várias instituições para regularizá-lo, como a religião, escola, casamentos, as mídias e outros. Conforme podemos observar: “(...) com o advento da mídia em massa, (...), esse veículo passa a ditar os padrões de comportamento e ao sexo – amparados (...) do discurso médico/estético/científico” (CORRÊA, 2013).

Quando os padrões que são destinados a um determinado gênero, o estereótipo sexista determinado pela visão binária homem/mulher legitima a educação da ordenação dos corpos de cada indivíduo: “A categorização dos corpos, (...), fixou-se através dos discursos reproduzidos ao longo dos anos (...)” (RIBEIRO e RODRIGUEZ, 2018, p.163). Por consequência, isso torna-se mais evidenciado quando essa legitimação e ordenação é fruto do discurso hegemônico heteronormativo, o qual legitima o poder exercido justificado pela “ordem natural” construindo diariamente as narrativas que o sustenta, “através dos padrões hegemônicos e do patriarcado o sujeito feminino funciona como um personagem à margem do sujeito masculino” (RIBEIRO & RODRIGUEZ, 2018, p. 169), sujeito feminino deve ser entendido como uma construção social, ou seja, os indivíduos sociais que apresentam os comportamentos ditos femininos. Portanto, se o padrão é cis-hétero-masculino tudo que não faz parte deve ser remodelado, partir de um poder disciplinador, ou abstraído e suprimido para que a narrativa da ideologia dominante permaneça viva.

Várias correntes de estudos de gênero, baseadas na história da sexualidade, em cima desse posicionamento vai construindo suas definições, mas, a que é mais determinista nessa relação é lacaniana, a qual Scott vai interpretar da seguinte maneira:

⁴ Texto original: SCOTT, Joan. “Gender: A Useful Category of Historical Analysis”. Gender and the Politics of History. New York: Columbia University Press. 1989. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila, gentilmente autorizada por Joan W. Scott.

(...)O princípio da masculinidade baseia-se na repressão necessária dos aspectos feminino – (...) – e introduz o conflito da oposição entre o masculino e feminino. (...). Ademais, as ideias conscientes do masculino e feminino não são fixas, já que elas variam segundo o uso do contexto (SCOTT,1989, p.16).

Apesar dessa teoria também ter problemas na estruturação, visto que centra nessa visão dicotômica: macho x fêmea, homo x hetero, masculino x feminino, é a melhor que se encaixa para análise da determinação de gênero como um constructo social.

A Teoria Queer, surgida em meados dos anos 80 e de grande ênfase pela filósofa Judith Butler, vem justamente colocar em xeque essa pedagogia da masculinidade, ela entende que tudo que não faz parte dos chamados padrões é considerado pela sociedade em voga digno de abstração e rejeição:

O queer busca tornar visíveis as injustiças e violências implicadas na disseminação e na demanda do cumprimento das normas e convenções culturais, violências e injustiças envolvidas tanto nas criações dos “normais” quanto dos “anormais”. (MISKOLCI, 2012, p. 26)

2) O problema da “afeminilidade” nos homens: o homem feminino

“Ser um homem feminino/Não fere o meu lado masculino” – Pepeu Gomes

Diante de todo o exposto da construção, definição e transformação de gênero e concluindo que os as expressões/comportamentos esperados de cada pessoa conforme o seu sexo biológico é inegável, e como já foi discutido, que quando o indivíduo não conduz com essa expectativa ele é adentrado na docilização e em um adestramento corporal, em suma, podemos inferir que existe uma pedagogia que visa orientar o indivíduo nas condutas conforme o seu [gênero] sexo biológico. Como se ele, por nascer com determinado órgão sexual, também já nasce hábil para os comportamentos atribuídos a ele. Em linguagem mais grosseira, é como se a vagina e o pênis determinassem o modo de falar, sentar, agir e de se comportar. O fenômeno no caso é o homem “afeminado”, usaremos aspas por entendermos que afeminado é um termo construído e designado para tal gênero.

Conforme a conceitualização burguesa de lar, espera-se que um homem seja o provedor de determinada família, ele deve conter altivez, segurança, falar grosso e várias outras



características que são internas. Quando um comportamento de um homem choca com esses comportamentos padrões, ele deve ser rapidamente ressocializado e entrar nas normas padrões. Cornejo (2011), um sociólogo peruano, vai contar uma experiência pessoal que teve no colegiado, mesmo sendo bom aluno e com ótimas notas, era visto como “anormal” por apresentar características dispersantes do esperado. Logo, é evidente que a afeminilidade é vista como algo patológico justamente por ela se mostrar subserviente.

Diante disso, o homem afeminado ou feminino, o qual não deve ser apenas restringido aos homens gays, mas fazendo uma generalização de homens trans/heteros e gay afeminados, não é o tipo ideal, ao contrário, ele deve ser repulsado. Porque na contemporaneidade, mesmo com toda a questão do neoconservadorismo e de um padrão hétero, o problema não está em ser gay, como outrora, aliás, essa política de identidade pode gerar lucro para o mercado. Mas, o maior problema está em ser afeminado, seja gay ou não.

As consequências para os homens afeminados são diversas. A “Masculinidade Tóxica”, termo criado para definição de um sufocamento na sociedade masculina, é a dominante. Os homens não podem apresentar nenhuma característica dita feminina, como chorar, ter voz fina, ser vaidoso, porque essas características são marcadas para definição das mulheres e aderindo a tais comportamentos, estão sujeitos a atribuição de adjetivos pejorativos, como: “veado”, “bicha”, “mariquinha”.

Esse processo de patologização da feminilidade começa ainda no processo educacional tendo a família e escola, e às vezes a igreja, como as instituições reguladoras desses chamados comportamentos. Porque é no processo de educação que o indivíduo vai aprender quais vão ser as características que eles devem refletir. Por exemplo, por mais que uma criança tenha sido criada no meio de cinco mulheres sem a presença paterna, ela sabe que deve refletir as características masculinas: falar grosso, jogar futebol e etc., e essas características também vão refletir na formação de uma criança criada com a presença paterna, pois, já estão inerentes na sociedade. O que a escola faz é reafirmar esses papéis: “(...) Em suma, é no ambiente escolar que os ideais coletivos sobre como deveríamos ser começam a aparecer como demandas e até mesmo imposições, muitas vezes de forma violenta” (MISKOLCI, 2012, p. 38).

Nos gays essa pressão de patologização exercem duas pressões externas: a primeira, de enquadramento em uma bolha de comportamento do gay perfeito, pela própria comunidade, e que a afeminilidade não vai ser admitida, o que faz vai fazer parte da Teoria Queer, e a segunda por ele está enquadrado nos comportamento femininos e, fora isso, ser gay, na sociedade como

um todo. Como o artigo é voltado para a crítica da estigmatização da afeminilidade pelos comportamentos heteronormativos, vamos discorrer e elucidar a segunda forma de supressão.

Como dito antes, o mercado se apropria das pautas identitárias para lançá-las em seu sistema de organização econômica. (HAIDER, 2019), então, mesmo todo um processo conservador, o gay atualmente ele é aceitável, não é o ideal, mas ser um “gay discreto” é tolerável. O que não é aceitável é ser um gay afeminado, essa forma de coalizão vai dividir os gays entre os enquadrados e os afeminados, “a sociedade reage mais violentamente com relação ao rompimento das normas ou convenções de gênero do que com relação à orientação sexual” (MISKOLCI, 2012, p. 41).

No gay enquadrado está sendo analisado a partir da pressuposição de suprimir uma conduta “feminina” em prol de ser aceitável, claro que não necessariamente ser gay é sinônimo de apresentar comportamentos feminis, e, tampouco, ser um homem afeminado é sinônimo de ser gay, pois, já verificamos que as condutas são criadas a partir de todo um contexto. Para analisar o gay enquadrado, é plausível a contextualização do termo “*Passing*” - utilizado por muitos historiadores raciais para especificar uma atitude de um negro (menos retinto) em se passar por branco, a partir dos elementos chaves como o espaço social de predominância branca, em prol dos benefícios dominadores (HAIDER, 2019) - , o “*Passing*” seria a supressão desses comportamentos para se tornar um “gay aceitável”. Conforme mostra Miskolci que em nome desse suposto benefício social ele corrobora com a ideologia dominante: “(...) Por isso, homens gays que adotam uma estética masculina e um estilo de vida hegemônico sofrem menos violência e, de certa maneira, contribuem para corroborar a heteronormatividade” (MISKOLCI, 2012, p. 41).

3) O poder exercido da ideologia dominante na docilização dos corpos

Diante disso, o sexismo encontra-se presente não apenas como uma ideologia criada, mas uma ideologia imposta e alimentada através dessas ferramentas, a qual irá servir de exercício do poder pela epistemologia dominante, a heteronormativa, através de um ideal coletivo. Foucault trata da dominação do corpo [e também deve inferir do gênero] como a manutenção da ordem vigente. (FOUCAULT, 2012). Partindo dessa perspectiva, a subalternização dos padrões não dominantes é natural e evidente, pois, o ideal coletivo, a masculinidade, não permite ser subjugado com padrões que devem ser repudiados.



Logo, o discurso hegemônico heteronormativo “não é simplesmente o aparelhamento de palavras que pretende surtir um significado próprio, mas um mecanismo estratégico que representa a ordem nas estruturas do imaginário social.” (SMITH e ABREU, 2016, p. 149). Portanto, a autonomia imposta pela sociedade é sobre tudo aquilo que foge das regras comportamentais heteronormativas.

Esse discurso padrão é empregado ainda na contemporaneidade e ainda serve para explicação das desigualdades sexuais inerentes ao mundo e também como justificativa de uma subalternização de outros corpos que não carregam e/ou não empregam a característica dominante, sucedendo assim a criação de um ideal universal das vontades. (FOUCAULT, 2012).

Partindo do conceito de corpos dóceis, que é “um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado. [...]” (BRIGHENTE e MESQUIDA, 2011, p.2392), entende-se, então, que a docilização dos corpos seria o adestramento e enquadramento, conforme dito anteriormente, nas normas vigentes sociais, sabe-se que “a sociedade ainda exige o cumprimento das expectativas com relação ao gênero e a um estilo que mantêm a heterossexualidade como um modelo inquestionável para todos/as” (MISKOLCI, 2012, p. 42).

Esse controle e processo de educação ou coerção vem desde a infância, partindo de instituições próximas, como a igreja, família e, principalmente, a escola, onde é o ambiente de maior socialização durante a vida infantil. A criança na atual sociedade aprende desde cedo a forma que deve agir e se moldar, conforme já explicitado ainda nesse texto. Ademais, o papel do educador é manter essa ordem demonstrando para a criança que existe uma forma de portar-se a depender do seu gênero.

Partindo dessas perspectiva, da relação de poder, Miskolci define que para a manutenção da ordem vigem são necessários três papéis atuantes (MISKOLCI, 2012): 1) Heterossexismo é a didática atuante que mostra o predomínio da atuação um homem e mulher como casal; 2) Heterossexualidade Compulsória imposição do modelos idealizado de afetividade amorosa ou sexual pelo sexo oposto e 3) a Heteronormatividade é a “ordem sexual do presente, fundada pelo modelo heterossexual, familiar e reprodutivo” (MISKOLCI, 2012, p. 43). É inegável que essas ferramentas agem em conjunto, acrescentamos ainda mais uma: o papel do homem provedor. O sistema patriarcal cria esse papel do homem o provedor e protetor da família para criação de um sujeito individualista que tende a criar regras em nome de uma ordem social,

garantido-lhe a hegemonia cultural criada, obviamente, pela episteme dominante. Portanto, Butle vai afirmar que “a tarefa urgente é propor formas de ‘recusar o tipo de individualidade correspondente ao aparato disciplinar (...)’” (BUTLER, 1997, p.100 *apud* HAIDER, 2019, p. 35).

Logo, “(...) as normais sociais não escolhem sujeitos, elas se impõem a todos e todas(...)” (MISKOLCI, 2012, p. 43) e muitas vezes, essas imposição dá-se por meio do uso indireto da força, como linchamentos sociais, a visão estigmatizada em determinado indivíduo, a limitação educacional e do mercado de trabalho às mulheres e aos homens transsexuais e travestis e outros são marcas de um preconceito velado e intimidação da hegemonia dominantes. Os mais explícitos, como o feminicídio, a homofobia, a transfobia e o preconceito em si atuado em forma física são reflexos de uma sociedade que pretende moldar um ideal coletivo.

Logo, esse ideal coletivo, que é alimento para sustentação da ideologia dominante, é estruturado na consciência coletiva a partir dos ambitos: 1) economico - que os homens [de preferência cis-branco-hétero] ocupam os maiores cargos; as pretensões salariais mais altas; hegemonia do mercado acadêmico; 2) religioso – que serve para legitimação do *status quo* a partir da narrativa de reprodução e limitação de contraceptivos, subalternizam mulheres à reprodução e a partir da vontade divina e lei natural, abomina toda forma de gênero e sexualidade que fogem dos padrões comportamentais que associam como certo; 3) político – que as maiorias das reformas atendem aos padrões heteronormativos e conquistas como o sufrágio feminino e o direito aos cargos políticos foram introduzidos muito tempo depois e, mesmo assim, homens gays afeminados ainda são vistos como chacotas na conjuntura política contemporanea.

Para elucidar melhor o adestramento de corpos pela visão hetéro-masculina-normativa, trazendo para o contexto de “anormalidade” sexual as músicas “Geni e o Zepelim”⁵ de Chico Buarque e “Balada de Gisberta”⁶ na voz de Maria Bethânia, trazem o reflexo de como a tentativa de adestramento de comportamentos é tão severado e, principalmente, na contemporaneidade - pois mesmo que alguns pensamentos tradicionais tenham entrado em obsolescência, essa episteme continua atuante e dominante - . As músicas falam de duas jovens transsexuais, prostitutas, que foram mortas pela transfobia social. É inegável a imposição e enquadramento dos modelos sociais vigentes para os corpos que não correspondem aos padrões esperados, como: homens afeminados, mulheres masculinas, Drag queens, transsexuais, travestis, não-

⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=KQn7UxB3HJQ>

⁶ https://www.youtube.com/watch?v=BEs_fP37INo

binários: “a cidade vive sempre a repetir: joga pedra na Geni/ joga bosta na Geni/ela é feita pra apanhar/ela é boa de cuspir.”

4) Considerações Finais

Portanto, é evidente que o gênero é criado a partir da conjuntura histórica-política e social vigente, conforme diz aquela frase célebre da Simone de Beauvoir, no livro *O Segundo Sexo*: “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”. Os comportamentos criados e adquiridos são determinados pela cultura, conforme Mead analisou. E mesmo o recebimento de todos aqueles comportamentos que são impostos não significa aquiescência do destinatário. E, novamente, trazendo para uma linguagem próxima na tentativa de esclarecimento, na novela “Chocolate com Pimenta”, de Walcir Carrasco, Bernadete foi um personagem que desde sua infância foi criada com todos os supostos comportamentos femininos – vigente na época, já que a novela é ambientada no século XX – e, que mesmo externamente recebendo todos esses comportamentos como norma, ela não os adquire, refutando-os, mais tarde, no ápice da novela descobre que Bernadete era um menino que foi criado como menina, a partir de um segredo e um contexto.

No entanto, não é plausível atribuir as refutações subjetivas de Bernadete como algo inato a seu gênero sexual, pois, isso seria construir o conceito de gênero biologicamente e anatomicamente. Sabe-se que os comportamentos individuais não são inerentes aos órgãos sexuais, afirmar que o personagem rejeitava os comportamentos femininos porque tinha um pênis e por isso se reconhecia como homem é inaceitável, pois, até o momento o personagem não sabia que pertencia ao sexo masculino.

Essa conceituação de gênero nas formas binárias – homo e hétero, feminino e masculino – vão ser justificativas para incorporação de determinadas condutas atribuídas a cada sexo biológico, não sendo permitido as expressões do sexo biológico oposto. Salientando que cada comportamento vai sofrer alterações no decurso do tempo, mas, conforme o padrão vigente, essas alterações vão ser incorporadas e atribuídas ao contexto social vigente.

Partindo do princípio de embate do indivíduo que tem uma expressão de gênero que é oposta ao seu sexo biológico, ele deve ser ou enquadrado ou abstraído da sociedade em que convive. Fazendo o recorte para o homem afeminado, foi mostrado que a não incorporação dos valores vigentes é uma afronta social, visto que o padrão de imposição e coerção é quem

determina as relações e manutenção de poder e ele é exercido através da heteronormatividade, que pretende abstrair os comportamentos que não vão ao seu encontro.

Ademais, recortando toda essa questão para o ambiente escolar, o qual tem papel fundamental nas construções e manutenções do poder heteronormativo. Ele, por se tratar de um espaço educacional, de socialização e de desenvolvimento crítico e intelectual, ela também tem papel decisivo nas mudanças da pedagogia masculinizante: “(...) ao invés de ensinar e reproduzir a experiência da abjeção, o processo de aprendizagem pode ser de resignificação do estranho, do anormal com veículo de mudança social e abertura para o futuro” (MISKOLCI, 2012, p. 63).

Referências:

BRIGHENTE, M. F.; MESQUIDA, P. MICHEL FOUCAULT: CORPOS DÓCEIS E DISCIPLINADOS NAS. **X Congresso Nacional de Educação - EDUCERE**, Curitiba, 7-10 Novembro 2011.

CORNEJO, G. La guerra declarada contra el niño afeminado: una autoetnografía "queer". **Íconos : Revista de Ciencias Sociales**, n. 39, 2011.

CORRÊA, G. F. Corpo e Sexualidade na Contemporaneidade. *In*: **III Simpósio Internacional de Educação Sexual: Corpos, Identidade e Heteronormatividade no espaço escolar**, 2013.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Graal, 2012.

G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/03/em-video-damares-alves-diz-que-nova-era-comecou-no-brasil-meninos-vestem-azul-e-meninas-vestem-rosa.ghtml>>. Acesso em: 08 Maio 2021.

HAIDER, A. **Armadilha da Identidade: raça e classe nos dias de hoje**. São Paulo: Veneta, 2019.

MEAD, M. **Sexo e Temperamento**. [S.l.]: Perspectiva, 1963.

MISKOLCI, R. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

RIBEIRO, A. L. D. Q.; RODRIGUEZ, V. B. C. A feminilidade e a masculinidade dos indivíduos nas organizações: A Teoria Queer e as funções ditas como femininas e masculinas. **XVII SEPA - Seminário Estudantil de Produção Acadêmica, UNIFACS**, Salvador, 2018.

SCOTT, Joan. "Gender: A Useful Category of Historical Analysis". Gender and the Politics of History. New York: Columbia University Press. 1989. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila, gentilmente autorizada por Joan W. Scott.

SMITH, H. J. D. S.; ABREU, R. D. O. Um olhar foucautiano sobre a produção de discursos na construção do corpo heteronormativo. **Pontos de Interrogação**, v. 6, p. 147-168, jan-jun 2016.



III Congresso Internacional
V Congresso Nacional

25 a 28
Agosto 2021

